

(RE) ADOECER NA ADOLESCÊNCIA

Elisa Leithold
elisaleitholdm43@gmail.com
Angelita Wisnieski Da Silva

INTRODUÇÃO: Estima-se que no Brasil, para cada ano do triênio 2020-2022 serão confirmados cerca de 4.310 novos casos oncológicos infanto-juvenis para o sexo masculino e 4.150 para o sexo feminino. Tal diagnóstico já apresenta um impacto emocional desorganizador na população adulta, e quando é comunicado ainda na adolescência o impacto pode ser diferenciado. Isso porque nesta fase do desenvolvimento há uma maior vulnerabilidade psicológica, na qual a pessoa tem idade suficiente para entender as consequências do adoecimento, mas ainda está em plena maturação pessoal. A adolescência é caracterizada por mudanças físicas, psicológicas, emocionais e sociais, na qual o sujeito está voltado para a vida social e aos projetos futuros. Assim, ao desenvolver uma doença oncológica, precisa enfrentar tratamentos invasivos, desconforto físico, limitações, dor, alteração na aparência e medos sobre o presente e o futuro. Além disso, também há toda uma alteração da rotina e impossibilidades de dar seguimento a projetos próprios da adolescência, como a aproximação e socialização com pares, por exemplo. Em decorrência de tal sofrimento, mesmo durante a remissão da doença o adolescente tende a sentir intenso medo de que o câncer volte a se manifestar, pois ainda se recorda dos desafios que teve de enfrentar durante o adoecimento, o que afeta negativamente sua qualidade de vida, com dificuldade para dar seguimento aos projetos futuros. Assim, a recidiva oncológica, que já permeia o imaginário dos adolescentes durante o tratamento, se torna a concretização de um grande medo. Quando o adolescente está voltando ao convívio social, aceitando novamente as mudanças de seu corpo e lidando com as consequências físicas, psicológicas e sociais do adoecimento, a recidiva o faz reviver todas as dificuldades de um diagnóstico anterior. Dessa forma, o enfrentamento de um novo adoecimento ainda na adolescência pode ser prejudicado, principalmente quando as perdas e lutos não são adequadamente elaborados anteriormente. **OBJETIVOS:** Em decorrência das características singulares da adolescência e de pouca literatura que explora a percepção dessa população frente à recidiva oncológica, o presente estudo teve como objetivo compreender a percepção dos adolescentes frente a tal adoecimento. Mais especificamente, buscou-se entender se os adolescentes percebem diferenças na forma como se sentiam diante do primeiro diagnóstico e no presente momento; se percebem facilidades e dificuldades diante de um segundo adoecimento e se há diferença nos recursos de enfrentamento frente a um novo adoecimento. **MÉTODOS:** A amostra incluiu três participantes entre 12 e 14 anos, que estão passando pelo tratamento de uma recidiva oncológica. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada com 12 perguntas que englobam três grandes temas: histórico do primeiro adoecimento, diagnóstico da recidiva e perspectivas futuras. As entrevistas foram áudio gravadas e transcritas, sendo realizada a análise temática conforme proposta por BRAUN & CLARKE (2006), na qual as autoras propõem uma sistematização para realizar a análise temática dos dados, mas sem perder a flexibilidade do método. O presente estudo apresenta os resultados parciais do Trabalho de Conclusão de Residência em saúde da criança e do adolescente na Faculdade Pequeno Príncipe. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em

Pesquisa da Faculdades Pequeno Príncipe – CEP/FPP sob o parecer n°: 5.565.990 de 05 de Agosto de 2022. **RESULTADOS:** Os temas emergentes dos relatos dos adolescentes foram: Conhecimento sobre o diagnóstico, afastamento de pares e aproximação da família e a utilização do lúdico como enfrentamento. **CONCLUSÃO:** De forma geral os adolescentes reconheceram que no primeiro adoecimento não sabiam exatamente o que tinham e foram entendendo com o tempo que estavam com câncer, conforme os efeitos colaterais do tratamento. Já na recidiva, tinham noção de seu diagnóstico desde o momento da comunicação, sendo que o acesso às informações foi considerado algo positivo por dois participantes e negativo por um. Tal dado demonstra a dificuldade dos pais e equipe de saúde em passar a informação de um diagnóstico tão estigmatizado às crianças e adolescentes. Além disso, todos os adolescentes relataram a família como principal suporte para o adoecimento, sendo que apenas um participante citou os amigos como importantes ao enfrentamento, demonstrando um movimento contrário do desenvolvimento comum, no qual há um afastamento da família e aproximação dos pares. Por fim, dois participantes reconheceram as atividades lúdicas, por meio da brincadeira, como um importante recurso de enfrentamento no primeiro adoecimento e todos entendem que as trocas verbais com pais e equipe foram um importante recurso de enfrentamento durante a recidiva.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Recidiva oncológica e Percepção.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Juliana Cristina Vieira; et al. O Medo da Recidiva em Adolescentes Sobreviventes do Câncer. Nursing, 2017.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. Qualitative research in psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Estimativa de câncer no Brasil: 2020. Rio de Janeiro: INCA; 2019.

GONZÁLEZ, R. Lorenzo; LÓPEZ, L. Madero. El cáncer en el mundo adolescente. Rev. esp. pediatr.(Ed. impr.), p. 31-38, 2015.

PÉREZ, Ascensión Bellver; MARTÍNEZ, Helade Verdet. Adolescencia y cáncer. Psicooncología, v. 12, n. 1, p. 141, 2015.

ROSSATO, Lucas; DE LA FUENTE, Ana María Ullán; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Repercussões psicossociais do câncer na infância e na adolescência. Mudanças-Psicologia da Saúde, v. 29, n. 2, p. 55-62, 2021.

SIEGEL, Rebecca L. et al. Cancer statistics, 2022. CA: a cancer journal for clinicians, 2022.